

CALMARIA E TEMPESTADE: A ESCUTA SOLIDÁRIA NO CERNE DE UMA PANDEMIA

IANA VALESKA MAIA MAGALHÃES¹

RESUMO

Os atendimentos de Escuta Solidária aconteceram durante os meses severos da pandemia de Covid-19. A oferta da Escuta Solidária foi uma iniciativa da Clínica Social da SPFOR, direcionada a pessoas em estado de sofrimento psíquico que se interessassem em participar. No presente artigo são desenvolvidas algumas observações sobre a experiência de atendimento no cerne de uma pandemia. As mudanças céleres, os impactos psíquicos do isolamento social; as especificidades de um atendimento pontual, no modo remoto; o atravessamento da perda e do luto durante o processo; bem como alguns pontos específicos dos atendimentos de Escuta.

Palavras-chave: Escuta solidária. Escrita psicanalítica. Luto. Pandemia. Atendimento remoto.

ABSTRACT

The interventions of the Project Escuta Solidária (“Solidary Listening”) happened during the most severe months of the Covid-19 pandemic. The project was an initiative of the Low-Fee Treatment Clinic of Spfor and had as its goal to support people in psychic suffering. In this paper, some observations about the interventions in the heart of a pandemic are made. The rapid change, the psychic impact of the social isolation; the specificities of a short-term intervention, remotely delivered; the feelings of loss and mourning during the process; as well as some specific issues of Escuta Solidária’s interventions.

Keywords: “solidary listening”, psychoanalytic writing, mourning, pandemic, remote intervention

¹ Psicóloga. Psicanalista em formação pela SPFOR. Mestre em Políticas Públicas e Sociedade. Advogada. Graduada em Artes Visuais. Professora de História da Arte e Filosofia da Arte.

Desde Heráclito de Éfeso, filósofo pré-socrático, assimilamos que a vida é um processo ininterrupto de mudanças. Mas, certamente, precisaremos de tempo para desemaranhar a multiplicidade de fios misturados nas transformações que ocorreram em 2020. Será necessário distanciamento, para observarmos os efeitos da tempestade, quando ela passar. Nesses tempos confusos, as nossas pequenas histórias desenrolam-se na trama de uma história grande, coletiva. Estamos, todos, mergulhados em nossas pequenas histórias, com seus medos e ansiedades, lidando com uma rotina alterada, tentando salvar-nos como podemos. Todos afetados pela incerteza desencadeada pela pandemia, em maior ou menor grau. Talvez o termômetro que exiba o nível da febre do que nos afetou seja medido pela intensidade da perda que sofremos, pelos desvios imprevistos na rota planejada para 2020 e como reagimos às convulsões dessa crise.

Minha ideia, com a escrita desse artigo, é a de trazer a partilha de uma experiência. O foco é preciso: o atendimento de pessoas em situação de sofrimento psíquico durante os meses mais severos de isolamento social, no decurso da pandemia de Covid-19. A iniciativa partiu da diretoria da Clínica Social da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR), e foi intitulado Escuta Solidária. Apesar da precisão do objetivo, creio que, para alcançá-lo adequadamente, será necessária a abertura de caminhos no texto que nos levem a este lugar, já que alguns obstáculos aconteceram durante a travessia. Para começar farei um breve retrospecto sobre o contexto da celeridade das mudanças, quando a pandemia chegou ao Brasil, com destaque para Fortaleza (CE), cidade onde resido e que foi sede do projeto de Escuta Solidária.

O impacto psíquico do confinamento e as vicissitudes dos avanços dos contágios foram alguns dos fatores do nascêduro da proposta de Escuta. Na sequência indagarei sobre como é possível escrever o cerne de uma experiência na qual as palavras são insuficientes para expressar o que se busca dizer do que foi vivido. Falarei sobre uma interrupção que precisei fazer logo no início da trilha, ao perder uma pessoa querida, vítima de Covid-19. Concluirei com alguns aspectos colhidos na experiência que tive ao fazer a Escuta, na atmosfera própria que permeou esses atendimentos pontuais.

Algumas vezes recordei (especialmente nos dias mais angustiantes da pandemia) de um livro perdido, chamado *A maçã no escuro*, escrito por Clarice Lispector. Há alguns anos o meu exemplar foi destruído, transformado em pedacinhos por uma cadelinha muito esperta e ativa, que entendeu que o livro esquecido na varanda era o seu brinquedo novo. Do livro guardo a sensação de um fugitivo enroscado num emaranhado emocional oscilante, entre o medo e a vontade de liberdade. E tenho uma reminiscência de duas visões que ficaram como herança da leitura e que acontecem numa floresta densa. A primeira visão é a de quem está dentro da floresta, procurando atravessá-la. De tão perto que está, a pessoa possui uma perspectiva limitada de espaço, vê somente os galhos, folhas e animais próximos, sem saber o que encontrará no caminho a cada passo dado. A segunda visão é situada no alto de uma sacada, com um distanciamento que permite um longo alcance, e na qual é possível observar a extensão da vegetação e as alternâncias na paisagem. Ela não é, de todo, fechada. Possui espaços de abertura, campos e lagos até que, mais à frente, a floresta se fechará novamente.

Eu não sei se o livro de Clarice Lispector traz uma cena similar a que descrevi acima, ou se é um caso de uma memória inventada. Talvez os grandes escritores façam isso com seus leitores, nos convoquem a sonhar e a darmos continuidade na narrativa de histórias. O meu exemplar da Maçã no escuro foi destruído contra a minha vontade, seus restos físicos picotados pelos dentes afiados do animal foram para a lata do lixo, mas o livro continua vivo em mim, misturando-se às palavras que ainda irei formular, combinar, as palavras que ainda não foram ditas, as experimentações que não foram ainda representadas. A floresta que surge diante de nós, numa pandemia, é nesse formato denso, fechado, desconhecido, e na qual a nossa é visão limitada, parcial. Ainda temos poucas respostas à miríade de perguntas que povoam os dias acerca de nosso futuro. Talvez esse estado de não saber seja a nossa nova ferida narcísica. E talvez seja o aceitar dessa ausência de respostas a seiva vital da construção de nossa força.

A PANDEMIA, SUAS VICISSITUDES, OS ATENDIMENTOS REMOTOS.

Thomas Ogden (2010B) afirma que uma experiência não pode ser contada ou

escrita. Ela é o que é. É possível somente falar sobre a experiência. A escrita é uma colheita de restos, de ressonâncias, de reverberações do que foi significativo emocionalmente. Ogden pontua que o escritor analítico depara-se com um trabalho de escrita que é, conjuntamente, um combate árduo com a linguagem. A luta se faz num campo de batalha desigual, do qual sairemos fatalmente vencidos, pois a linguagem resiste a ser domada. Desafio da escrita: escolher as melhores palavras, dentro de nosso repertório, para narrar o essencial de uma experiência que as palavras não irão nunca alcançar.

Escrever sobre uma experiência no contexto de uma pandemia é adentrar num território instável, movediço, inquietante, repleto de fantasmas e de fraturas. Com a chegada da pandemia de Covid-19 ao Brasil fomos impactados com a realidade da celeridade da disseminação do vírus. O nosso cotidiano passou a contar com acessórios fundamentais, como máscaras de proteção e tubos de álcool gel. As saídas visavam atender estados de necessidade, como compras em supermercados ou farmácias e era frequente, no começo da pandemia, observarmos a falta de produtos nas prateleiras. Nesse ambiente tenso, qualquer aproximação física de alguém acendia a luz vermelha da ameaça de contágio. As notícias explicitavam a ascensão das curvas de casos confirmados e de número de mortes em rápido crescimento. Os jornais exibiam imagens de hospitais lotados, de sepulturas abertas em série ou de corpos em caixões sendo levados, aos montes, em comboios. Histórias anteriores, narradas e representadas na humanidade sobre as dores da peste, da escassez, da fome, da doença e da morte ganharam destaque. Falava-se novamente sobre a gripe espanhola, sobre a peste medieval, a literatura de Camus² encontrou novos leitores, como se esse retorno trouxesse algo para arrefecer os golpes de nosso destino anunciado. Estábamos todos lançados num torvelinho de insegurança e incerteza. Confrontados com uma doença sem tratamento, num país desigual, com uma péssima gestão da saúde coletiva.

Com o confinamento, tivemos de adaptar o nosso espaço doméstico, organizando nossos escritórios ou outros locais privativos na casa para servirem de

² Refiro-me ao livro *A peste*, de Albert Camus, publicado em 1947.

consultórios improvisados e continuarmos a trabalhar, no modo remoto. Então o que era exceção passou a ser a regra: atendimentos clínicos acontecendo em salas virtuais, sessões por Skype, em chamadas de vídeo via smartphone ou por ligações telefônicas. Analistas e analisandos passaram por um processo de adaptação veloz, encontrando-se para as sessões mediadas pelas telas, aproveitando os recursos disponíveis da tecnologia de comunicação. Estábamos distantes fisicamente, mas aproximados pela tecnologia, e novamente juntos para mais uma sessão, de um jeito diferente. E, de repente, estávamos também surpresos, passamos a escutar impressões que corriam a boca miúda acerca do novo formato, amiúde com a constatação de que era possível continuar o trabalho com proveito, nas novas configurações. A pandemia trouxe também ganhos, como a oportunidade de flexibilizar a rigidez de nossos preconceitos. Alguns analisandos, inclusive, passaram a aproveitar melhor a sessão, com uma espontaneidade nunca vista em sessões presenciais.

Observei, na colheita da pesquisa para este artigo, que a concepção dos psicanalistas brasileiros sobre a viabilidade clínica dos atendimentos remotos, antes da pandemia, frequentemente era desfavorável. Eram poucos os autores, como Montagna (2015), que defenderam abertamente a validade do atendimento psicanalítico on line, sustentado pelo argumento de que o setting psicanalítico é, fundamentalmente, um setting interno, e que são preservadas, no modo remoto, a associação livre e a atenção flutuante, pilares do fazer psicanalítico. Bem antes da pandemia o psicanalista Antonino Ferro afirmava que “as análises por telefone são muito mais frequentes do que pensa”, porém, continua o argumento com uma ressalva: “naturalmente, trata-se de pacientes que não têm condições de ir até o analista ou que o analista não pode ir até eles” (Ferro, 2011, p. 127).

Por esse ângulo, a pandemia colocou a todos num estado de exceção, mas trouxe em contrapartida o experimentar de uma expansão. É possível acontecer a sessão virtualmente, e ser uma sessão viva, significativa. Creio que este é um cenário que se esboça e que se configurará com o teste do tempo: o encontro da dupla será presencial ou virtual, em tempos não pandêmicos, de acordo com as singularidades de cada caso.

O que preservar e o que abrir mão nesse cenário mutante? Thomas Ogden (2010A), ao falar sobre o estar no setting analítico, elenca valores que ele não abria mão. Li sobre os valores que Ogden pontua há alguns anos, e retorno a eles para me preparar para o trabalho de escuta solidária. A absorção dessas leituras tem o efeito de um preparo do terreno, – revolver a terra, fertilizar, para que algo forte possa brotar dela. Ogden diz que honrar a dignidade humana, ser um analista humano, é o primeiro desses valores. Na sequência está o “encarar a música”, quando analista e paciente são honestos consigo mesmos diante de experiências emocionais perturbadoras. Continua a sua relação com “ser responsável”, “sonhar-se sendo”, “pensar em voz alta” e, por fim, tolerar “não saber”. Esse último valor ganha um tônus fortalecido no atual panorama. Por mais que esse estado de transitar na soltura do que sabemos seja o estado que buscamos alcançar no manejo clínico, estarmos entregues a ele na instabilidade de uma pandemia não é tarefa fácil. Fantasias e medos também nos constituem. Somos também equilibristas, procurando conter as nossas ansiedades e aspectos contratransferenciais, mas guiados pelo compromisso ético da psicanálise, de que cada ser humano é único e que pode vir a conseguir pensar na dinâmica de sua própria verdade.

“Não saber é uma precondição para imaginar”, diz o autor (Ogden, 2010A, p. 47). Mas, afinal, cabe sempre lembrar, esse estado de não saber é o defendido por Freud, ao anunciar a regra fundamental: “manter toda a influência consciente longe de sua capacidade de observação e entregar-se totalmente à sua “memória inconsciente”, ou, expresso de maneira técnica: escutar e não se preocupar em notar alguma coisa” (Freud, 1912/2010, p. 150).

O AFLORAR DA PROPOSTA DE ESCUTA SOLIDÁRIA

A Escuta Solidária aconteceu nos meses mais severos de confinamento na cidade de Fortaleza-CE, durante a pandemia de Covid-19 – respectivamente abril, maio e junho de 2020. Foi uma experiência de escuta clínica que ocorreu numa situação profunda e atípica. Nós, os psicanalistas, também sofriamo. Existia uma atmosfera carregada contra a qual lutávamos para preservar o nosso equilíbrio psíquico e continuarmos a atender. Foi no mês de março que li uma mensagem da diretora da Clínica Social da SPFOR, convocando voluntários para ingressarem

no trabalho de Escuta Solidária, com o intuito de propiciar uma acolhida pontual ao sofrimento psíquico. Um sofrer, como sabemos, aguçado diante de um cenário social instável e de uma crise sanitária sem precedentes na contemporaneidade.

O trabalho de Escuta Solidária contou com a adesão voluntária de um grupo de psicanalistas e de psicanalistas em formação da SPFOR. Foi realizada a divulgação em algumas mídias sociais, e rapidamente passamos a receber inscrições de interessados, vindos de várias cidades do Brasil. O número robusto de inscrições evidenciava a necessidade e a importância deste trabalho. Porém, como estávamos todos submetidos ao império de uma situação nova, alguns critérios e ajustes precisavam ser efetivados.

Um dos primeiros pontos relevantes que percebemos era o da clareza da informação aos interessados – a Escuta Solidária não seria uma psicoterapia. Outro critério a ser definido era o do setting de atendimento, feito de forma remota, por telefone, sala virtual, Skype, ou chamada de vídeo via smartphone. O tempo médio de duração do atendimento também foi um ponto discutido pelo grupo, bem como as recomendações sobre privacidade e se seriam feitas uma ou mais escutas da mesma pessoa, em situações de sofrimento psíquico acentuado que justificassem a continuidade. Mas não era terapia. E o que era? Qual o nosso papel nessa história? Como falar sobre essa experiência?

Definidos alguns critérios estruturantes, os atendimentos de Escuta Solidária iniciaram, no mês de abril de 2020. Afirmei acima que desde que o projeto foi divulgado, tive identificação com a proposta e estive disponível para participar como voluntária. Mas fui supreendida com a morte de uma pessoa querida, vítima de Covid-19, logo no começo de abril. Foi uma pancada desnorteadora. Ela era uma mulher saudável, inteligente, vigorosa, realizadora, de 57 anos de idade, cheia de planos para o futuro. Era uma pessoa que eu convivia diariamente. Alguém muito presente na minha vida e que sumiu, assim, do nada. Não pude ir ao velório, porque os rituais estavam proibidos. Não assisti a cremação. Fiquei com os fragmentos das cenas dessa história real e de desfecho absurdo sem saber o que fazer com eles, as cenas não encontravam encaixe. Então me dei conta de que eu acabara de ser lançada na aventura da floresta desconhecida, e que ainda

não era possível subir na sacada para ver a calmaria após a tempestade. Os pingos da chuva torrencial doíam no corpo. E, diferente da narrativa dos livros, nós não sabemos como e quando essa história irá acabar.

Precisei interromper a minha participação no programa de Escuta antes mesmo de começar, para me fortalecer, tentar compreender, e elaborar o luto da perda. Retornei ao grupo em meados de maio, quando me senti com condições psíquicas de fazer o trabalho.

A ESCUTA: PASSO ATRÁS DIANTE DA PERDA, PASSO ADIANTE PARA ACOLHER

A morte que veio em consequência do agravamento da infecção provocada pelo vírus Covid-19 trouxe peculiaridades que são também fatores complicadores para os processos de elaboração do luto: internações muitas vezes longas em UTI sem a permissão de visita dos familiares, uma morte sem despedida, seguida pela ausência de velórios. Os enterros ou procedimentos de cremação dos mortos pela Covid-19 foram realizados sem abraços, olhares, sem a presença física dos amigos.

Luto e melancolia é um texto icônico, escrito em 1915, no bojo das convulsões de um período ameaçador e instável, gravado pela violência e por perdas em série de vidas humanas: a Primeira Guerra Mundial. Nesse texto fundamental, Freud expressa a diversidade de reações que uma pessoa pode ter quando perde alguém importante. É o trabalho do luto, — trabalho denso, que requer tempo, e um grande dispêndio de energia sobre si. Aos poucos, o teste da realidade exerce os seus efeitos psíquicos e o enlutado passa a desinvestir a libido no objeto perdido, no ser que se foi.

Numa pandemia, além do trauma da perda individual, há o trauma coletivo, das mortes em massa. Régine Robin (2016) alerta sobre a dificuldade de construção de um luto coletivo, de uma feitura da memória. Esse trabalho de construção da verdade é desviado, travestido, deslocado. “As responsabilidades são atribuídas aos outros, ou não há culpado, ou somente alguns o são. Esquecemos, recalhamos, mantemos longe, ou no mais profundo, o que incomoda; preenchemos os baús da história de cadáveres” (Robin, 2016, p. 38). Trago os dois traumas pois, a meu ver,

toda história é mistura, é complexidade. “O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc. Sob as mesmas influências, em muitas pessoas se observa em lugar do luto uma melancolia” (Freud, 2011, p. 47).

Figueiredo (2012) ressalta que exige-se do humano uma contínua atividade que propicie um lugar para existir, um ethos. Sem esse lugar que dê sustentação a história seria somente turbulência, desalinho, desencaixe. No processo de escuta tive como norte uma ética do cuidado. Uma postura receptiva diante desse encontro pontual e único, para o qual eu busquei me preparar, para sustentar e conter. Em tempos marcados por tantas perdas procurei oferecer um pouco de calmaria no cerne da tempestade.

Por questões éticas não trarei trechos de falas dos atendimentos e nem especificidades das histórias de quem eu fiz a escuta. Não posso fazê-lo porque precisaria da autorização de quem participou do projeto. Mas posso falar de questões de método e das minhas impressões.

Apesar da pontualidade do trabalho de escuta, a ênfase ao contexto relacional foi um ponto primordial - mesmo que pontualmente, a busca foi a de formação de uma dupla. Sigo, novamente, as palavras de Ogden (2013). Este autor afirma que a psicanálise deve ser criada para cada paciente. E, nesta abertura à criação pelo encontro, favorecer o fluxo de palavras e experiências vivas.

Palavras e frases, como pessoas, estão em constante movimento. A tentativa de fixar significados de palavras e de sentenças, transforma-as em efígies sem vida, células imóveis tingidas e preservadas em lâminas de laboratório, que apenas remotamente sugerem o tecido vivo do qual vieram. Quando a linguagem do analista ou do analisando fica estagnada, perde a utilidade na tarefa de transmitir o sentido da experiência humana viva. (Ogden, 2013, p. 23)

As escutas que fiz aconteceram no mês de junho. Alguns dias antes do atendimento eu trocava mensagens com quem seria atendido, explicando como seria feita a sessão de escuta, o horário, e que não era uma terapia, mas que eu estaria

integralmente presente naquele momento. Escolhíamos a melhor plataforma para a dupla. Trago comigo a sensação de que uma das escutas foi fértil e bem sucedida. Era uma pessoa que estava fragilizada, em sofrimento intenso, agravado pelo isolamento social que acabou por desorganizar, também, o funcionamento familiar. No começo senti o seu sofrimento como um derramamento caótico e procurei, junto com ela, construir algum sentido, conter aquela dor em alguma forma que fizesse sentido para ela, a partir da história que ela contava. Alguns dias depois recebi uma mensagem que dizia: “obrigada, você me ajudou muito”.

A outra escuta seguiu de um rumo diferente. Iniciou com uma frustração, pois a pessoa queria, na verdade, iniciar uma terapia. A explicação prévia de que não era terapia não surtiu efeito. Senti esse trabalho de escuta como um jogo de xadrez, com nítidas resistências ao fluxo de uma fala livre. Cada palavra parecia estratégica, estudada e cuidadosamente selecionada, antes de ser exposta. Senti que a pessoa não queria correr riscos, respeitei as suas reservas. Formou-se um jogo que não se resolveria numa partida, num trabalho de escuta pontual.

CONCLUIR. CHUVA, CALMARIA E TEMPESTADE, NÃO SE SABE SE NESSA ORDEM

O analista, ao trabalhar, em sua escuta, procura lidar com seus reservatórios em processo de soltura, afinando uma escuta porosa para o que é dito e para o que é comunicado, ainda que não dito (Jabobs, 2016). A busca das palavras adequadas para a criação de uma narrativa que transmita o que foi vivido em uma experiência intensa, como a de uma pandemia, é uma procura, de antemão, fadada à insuficiência. Escrever é trabalhar no contexto da frustração: contar é contar sobre impossibilidades. Narrar é uma forma de falar sobre o inalcançável das palavras diante da singularidade que constituiu uma experiência viva.

Nesse momento de conclusão, trago a lembrança de um livro de um gigante da literatura. Há de se encontrar uma terceira margem, como no rio de Guimarães Rosa³, levando o fluxo para um território intuitivo, numa zona criativa, aberta

³ O conto “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa (2005). Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ao sonho. Alguns autores da psicanálise que desenvolveram trabalhos sobre a especificidade da escrita analítica (Ogden, 2010; Jacobs, 2016) argumentam que é necessária a construção de uma versão imaginativa, uma transformação dos fatos em ficções. O propósito dessa transformação é o de dar veracidade à leitura, tornando-a sensível, visual, sonora, tátil, nas várias faces e situações que compõem a narrativa de uma experiência. Porém, diferentemente da soltura imaginativa ampla do escritor literário, o escritor analítico é confrontado com o desafio de se manter fiel ao que foi significativo na sessão e, ainda assim, trazer essa história com o ritmo vital e a verdade manifesta nas personagens que caracterizam a pulsão da ficção.

Para a escrita desse trabalho não tive a profusão de elementos clínicos para análise, mas procurei trazer um pouco do contexto de como se desenrolou, na minha perspectiva, o trabalho de Escuta Solidária. Afinal, como disse Thomas Ogden, cada um pode falar sobre a sua experiência. Ao finalizar esse texto, o número de mortos pela pandemia já ultrapassa a casa do milhão. Vários países estão sofrendo uma segunda onda de contágio pelo vírus. Não sabemos quando a densidade da floresta mostrará calmaria. Penso que é colocada, diante de nós, a possibilidade de aprendermos com a experiência. É, mais uma vez, fazer pesar o amor no pêndulo da balança. Foi essa a aposta vacilante de Freud, quanto ao futuro, quando escreveu o Mal-estar na civilização. As pessoas do futuro, que Freud imaginou, somos nós. A casa do milhão de mortos é a nossa casa.

REFERÊNCIAS

Ferro, Antonino. (2011). *Evitar as emoções, viver as emoções*. Porto Alegre: Artmed.

Figueiredo, Luís Claudio Mendonça. (2012). *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.

Freud, Sigmund. (2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In: _____. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber"): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, Sigmund. (2011). Luto e melancolia. São Paulo: Cosac Naify.

Jacobs, T. J. (2016). Insights, epifanias e elaboração: sobre cura, autocura e criatividade no escritor e no analista. In: *O Psychoanalytic Quarterly: Artigos contemporâneos de psicanálise*. Vol. 1. Alberto Moniz da Rocha Barros Neto e Elias Mallet da Rocha Barros (Orgs). São Paulo: Escuta.

Montagna, Plínio (2015). Skype análise. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*. Órgão Oficial da Federação Brasileira de Psicanálise. Volume 49, n. 1

Ogden, Thomas. (2010A). Do que eu não abrira mão. In: *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed.

Ogden, Thomas. (2010B). Sobre a escrita psicanalítica. In: *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed.

Ogden, Thomas. (2013). *Reverie e interpretação: captando algo humano*. São Paulo: Escuta.

Robin, Régine. (2016). *A memória saturada*. Campanha, SP: Editora da Unicamp.